

Meio ambiente e atividades de aventura: significados de participação

Alexander Klein Tahara
Sandro Carnicelli Filho
Gisele Maria Schwartz

Depto de Educação Física - Laboratório de Estudos do Lazer UNESP Rio Claro

Resumo: Este estudo, de natureza qualitativa, teve por objetivo investigar, na visão de praticantes, o significado pessoal da participação em atividades físicas de aventura, realizadas no ambiente natural, no contexto do lazer. O estudo desenvolveu-se por meio de uma pesquisa exploratória, utilizando como instrumento para a coleta de dados uma entrevista semi-estruturada aplicada a uma amostra de 20 praticantes de atividades de aventura na natureza (AFAN), há mais de um ano, com idades entre 21 e 45 anos. Os dados foram analisados descritivamente, utilizando-se a técnica de Análise de Conteúdo Temático e indicam um aumento no que tange aos níveis de satisfação pessoal e de bem-estar, em decorrência da realização dessas atividades, promovidos pelo contato com o ambiente natural.

Palavras-chave: Ambiente. Lazer. Atividade de Aventura.

Adventure activities in nature: meanings of participation

Abstract: This study of a qualitative nature, aimed to investigate, in the vision of regular practitioners, their personal meaning when experiencing adventure physical activities in nature, in leisure context. The study was developed by an exploratory research, using as instrument for data collection a four open questions semi-structured interview, applied to a sample of 20 AFAN practitioners, for more than one year, ages between 21 and 45 years old, of both sexes, with varied scholar and professional levels. Data were descriptively analyzed, by Thematic Content Analyses and indicate a considerable increasing on satisfaction and well-being levels, due to the involvement with these practices and to the contact with natural environment.

Key words: Enviroment. Leisure. Outdoor Recreation.

Introdução

No âmbito da motricidade humana, conforme demonstrado por Marcellino (1987), Bruhns (2000) e Schwartz (2002), um campo de estudo que vem sendo bastante discutido na atualidade é o universo do lazer, no qual se pode notar um aumento das possibilidades de vivências marcantes.

Um dos importantes elementos do lazer que vem crescendo ultimamente, em termos de interesses popular e acadêmico, é a prática de atividades físicas, inerentes ao conteúdo cultural físico-esportivo do lazer. Entre a gama de opções de propostas motoras existentes, as atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) têm merecido destaque nas reflexões pertinentes à área, tendo em vista a possibilidade de um novo redimensionamento da relação homem-ambiente natural.

Essas relações entre os seres humanos e o meio ambiente, há algum tempo, segundo Inácio (1997), Betrán (1995) e Schwartz e Silva (1999), já vêm sendo discutidas e despertando interesse crescente em várias áreas de pesquisa e,

atualmente, têm sido foco de estudo na área da motricidade humana, ainda que de maneira sutil.

Bruhns (1997) evidencia a importância de reflexão sobre esta interação humana com o meio ambiente, apontando o compromisso com mudanças de atitudes e valores, os quais possam interferir positivamente nessa relação.

Conforme evidencia Silva (1997, p.119), “Do ponto de vista da área da Educação Física, algumas questões têm se mostrado de forma mais contundente [...] o lazer no contato com o meio natural, através dos denominados esportes radicais”, demonstrando que as discussões sobre a natureza, no âmbito de tal área, têm se dado com maior ênfase relacionadas ao lazer, às ações humanas e à (re)descoberta do meio natural.

Nesse pressuposto, estas vivências junto à natureza podem representar oportunidades de se assumir riscos controlados, característicos das vivências lúdicas, associadas aos sabores de aventura, do ineditismo, da novidade, aspectos inerentes a estas práticas, as quais são capazes de instigar novas sensações e percepções, talvez bastante diversas daquelas do cotidiano massificador e reprodutivo.

Especialmente no que concerne à área de estudo do movimento, mais particularmente a Educação Física, cujo universo tem se ampliado para além das quadras e campos, em direção a novos segmentos de prática, como o caso das atividades físicas de aventura na natureza, torna-se premente investir esforços acadêmicos, justificados no sentido de se compreender essas novas tendências.

De acordo com Bruhns (1997), a área do conhecimento relacionado à motricidade humana deve reconhecer os propósitos de tais práticas, bem como entender a relação homem-natureza em suas nuances.

Mesmo que possam existir elementos desfavoráveis, tais como o alto preço dos equipamentos ou a distância dos principais centros de práticas, estas atividades vêm ganhando adeptos e representam importantes focos na indústria do entretenimento.

No que concerne à aderência às diversas vivências de aventura realizadas em meio natural, tal temática tem conhecido um forte crescimento nos últimos anos, uma vez que essa (re)aproximação aos ambientes naturais pode surgir, inclusive, como contraponto a um estilo de vida sedentário e a uma sociedade cada vez menos “natural”.

De acordo com Lacruz e Perich (2000), o desejo de romper com o cotidiano e ir ao encontro da natureza, respirar ar puro, reencontrar-se consigo mesmo, buscar sensações e emoções fortes, provar limites pessoais em situações de perigo eminente, são algumas das causas que têm motivado a aderência às diversas atividades físicas de aventura.

Conforme elucida Betrán (2003, p. 159) “O turismo, o ócio, a natureza, o esporte, a aventura, os relacionamentos... unindo esses conceitos encontramos um mix atrativo [...]”, referindo-se às possíveis características que reforçam a admiração pela prática das atividades de aventura na natureza.

Isto é, justamente, o que instigou esta reflexão, no sentido de ampliar a compreensão do universo relativo às práticas em contato com o ambiente natural, focalizando-se as vivências em atividades de aventura, elementos importantes na atualidade dos estudos referentes ao âmbito do lazer.

Método

Este estudo, de natureza qualitativa, objetivou investigar, na visão de praticantes regulares, o significado pessoal da participação em atividades físicas de aventura, realizadas no ambiente natural, no contexto do lazer.

O estudo foi realizado em duas etapas, sendo a primeira relativa a uma pesquisa bibliográfica, onde a revisão foi feita

em diversas fontes, tais como livros, artigos em periódicos especializados e bases eletrônicas de dados, com a finalidade de compreensão de assuntos referentes às práticas das AFAN e aos fatores relacionados ao significado de participação em tais práticas.

A segunda etapa foi referente a uma pesquisa exploratória, a qual foi importante para demonstrar esta discussão diretamente na população envolvida. Para o desenvolvimento desta segunda etapa do estudo, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, contendo quatro perguntas abertas, como instrumento para a coleta dos dados, a qual, por suas características, permite uma maior flexibilidade nas respostas, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formulando-as de maneira diferente e proporcionando verbalmente, as informações relevantes e necessárias ao estudo (RAMPAZZO, 1998).

A amostra do estudo foi composta por 20 sujeitos, selecionados aleatoriamente entre indivíduos adultos, faixa-etária de 21 a 45 anos, ambos os sexos, níveis de escolaridade e formação profissional variados, adeptos há mais de um ano das diversas manifestações de atividades físicas de aventura na natureza, na cidade de Brotas – SP.

Os dados resultantes da aplicação da entrevista foram analisados de forma descritiva, utilizando-se a Técnica de Análise de Conteúdo Temático. Este tipo de análise favorece o foco apenas nas questões mais relevantes para o estudo, representando, assim, uma ótima maneira para descrição, análise, compreensão e classificação de qualquer tipo de processo vivenciado, procurando retratar as questões qualitativas, conforme salienta Richardson (1989).

Resultados e Discussão

Em relação às atividades mais praticadas, percebeu-se que alguns sujeitos participavam em mais de uma modalidade. O *rafting* foi citado por 26,67% como a atividade mais recorrente, seguido pelo *rapel* com 20%. O *mountain bike* (16,67%) foi a terceira atividade mais praticada; 13,33% apontaram o *bóia-cross*; 10% preferem se aventurar no *trekking* por trilhas e matas; 6,67% optam pelo *canyoning*; ao passo que o mesmo percentual foi encontrado por aqueles que gostam do arvorismo (3,33%) e das corridas de aventura (3,33%).

Torna-se válido comentar o fato da pesquisa ter sido realizada na cidade de Brotas/SP e, por isso, algumas atividades se encontram mais expressivas, devido à possibilidade de prática nesta rica região, em locais favoráveis para estas vivências, como, por exemplo, os rios e

corredeiras para a prática do *rafting* e do *bóia-cross*.

Neste sentido, Capuano (2000) explicita que, na cidade de Brotas, o *rafting* nas correteiras do rio Jacaré-Pepira é a atividade mais procurada pelos indivíduos que gostam de praticar atividades físicas que envolvem muita aventura e emoção, especialmente quando as águas do rio estão mais altas. Os números são de encher os olhos daqueles que vendem a aventura: em feriados concorridos, mais de 1500 pessoas chegam a descer as corredeiras.

Quanto ao tempo de prática, o mesmo oscilou entre 1 a 10 anos, sendo que 40% dos entrevistados praticam tais atividades entre 1 e 2 anos; 25% praticam entre 3 e 5 anos;

20% praticam entre 6 e 7 anos e 15% já se aventuraram nas AFAN há muito tempo, entre 8 a 10 anos de prática.

As questões de número 3 e 4 visaram esclarecer acerca do significado de participação nas AFAN, além de possíveis mudanças ocorridas desde a prática inicial. Convém ressaltar que, em ambas, alguns entrevistados deram mais de uma resposta.

Questão 3. O que significa para você participar das AFAN?

Respostas	N ^o respostas	Total (%)
Momento propício à concreta revisão de valores e atitudes para com si próprio e os demais ao redor.	7	31,8%
Possibilidade de viver com mais tranquilidade e alegria, tendo um prazer e bem-estar inerentes.	5	22,7%
Ter a chance de poder experimentar a cada prática novas sensações e emoções diversas.	4	18,2%
Estar vivenciando o melhor momento destinado ao lazer em um contato harmônico e direto com o meio ambiente natural.	4	18,2%
Chance de estar num grupo integrado e unido, além de poder conhecer novas pessoas num ambiente especial como a natureza.	2	9,1%

No que tange ao real significado de participação nas AFAN, para a maioria dos sujeitos participantes da pesquisa (31,8%), este envolvimento significa conseguir vivenciar momentos propícios à concreta revisão de valores e atitudes.

Nesse sentido, Bruhns (1997) acredita que a relação do ser humano com o meio natural não deve ser pautada por critérios de produção e consumo, mas pela descoberta de um novo modelo cultural, em que surge um vínculo ético e afetivo, propício a reflexões das atitudes e dos valores inerentes ao ser.

Pode-se confirmar o dito acima, em decorrência da fala de

um sujeito:

S15: Quando estou realizando a atividade, parece que estou em transe, penso em cada coisa que venho fazendo em minha vida. Fico 100% bem comigo próprio, pois sinto uma felicidade interior em entender meus erros cometidos no dia-a-dia...

Ampliando a discussão, Schwartz (2002) enfatiza a relação homem-natureza tendo como ponto de interseção as possibilidades de promoção de mudanças axiológicas e de valores que são proporcionados pelas experiências físicas de lazer junto ao ambiente natural.

Torna-se necessário que a população como um todo adquira consciência com o compromisso de mudanças atitudinais e de valores, sendo capaz de gerar oportunidades de vivenciar experiências significativas e prazerosas, além da possibilidade de poder experimentar novas percepções e sensações atreladas ao meio natural, experiências estas que podem interferir nos níveis qualitativos da vida.

A relação homem-natureza, segundo Teruya (2000), dando enfoque à participação nas AFAN, pode gerar um contato do homem contemporâneo de maneira mais consciente e significativa com a natureza, abrindo-se possibilidades que tangenciam aquisições de novas atitudes e hábitos e, por conseguinte, melhoria na qualidade de vida.

Os desafios para a concretização de mudanças atitudinais referentes às atividades de aventura representam uma premissa no aprimoramento das perspectivas relacionadas ao aprendizado que se pode ter com a própria natureza, no sentido de oportunizar momentos propícios à revisão de valores e atos cometidos consigo próprio e com outros ao seu redor.

A oportunidade de estar em grupo e conhecer novas pessoas são o que a minoria de participantes da pesquisa (9,1%) explicita como verdadeiro significado em participar das AFAN.

Villaverde (2003) evidencia que a experiência do coletivo pode ser plenamente vivenciada nas AFAN, em uma espécie de aventura compartilhada, capaz de gerar um estreitamento dos laços interpessoais entre aqueles indivíduos que buscam se unir para chegar a um fim comum: superar e vencer os obstáculos desafiadores do meio natural.

Ainda que este aspecto do relacionamento social não tenha sido o mais evidenciado nas respostas dos sujeitos deste estudo, este elemento não deixa de ser relevante e, a respeito desse vínculo em grupo, a fala de um sujeito retrata bem a discussão:

SI: ...com todo o grupo unido, fico mais confiante em vencer os desafios, por maiores que eles sejam. Além disso, às vezes conheço novas pessoas que gostam de aventura e, numa próxima ocasião quem sabe também não podem fazer parte de meu grupo...

Mesmo que alguns autores salientem a questão das AFAN como práticas individualizadas, como Betrán (2003), outros estudiosos, como Villaverde (2003) e Garcia (2000), declinam atenção à possibilidade de troca e união do grupo, na expectativa de ação conjunta para vencerem as dificuldades inerentes à prática dessas atividades.

Em se tratando das AFAN, conforme elucidam Lacruz e Perich (2000), não é difícil perceber o valor da interação social como fato real, onde há a formação de determinados grupos imbuídos na busca por aventura, nos quais manifestam-se características de sociabilidade e coletividade.

Exemplificando tal discussão, as práticas de AFAN envolvem pelo menos duas pessoas, como no caso da escalada ou *rapel*, no sentido de aumentar os níveis de segurança e diminuir os riscos de acidentes. Com isso, é natural que haja um contato intenso e um favorecimento no processo de integração, no sentido do desenvolvimento da solidariedade e do espírito de cooperação entre os indivíduos participantes.

Questão 4. Você sente diferença em algum aspecto, desde que começou a praticar as AFAN? Explique.

Respostas	Nº respostas	Total (%)
Sim, houve um aumento na satisfação pessoal e bem-estar em decorrência da prática física em contato direto com a natureza.	7	28%
Sim, aspectos como maior liberdade, coragem em superar desafios e elevação da auto-estima vieram à tona com maior recorrência.	5	20%
Sim, espírito de equipe, cooperação e respeito pelo próximo e pelo meio natural tornaram-se agora mais incidentes na vida de cada um.	4	16%
Sim, aumento nos níveis de força muscular e melhoria do condicionamento físico.	4	16%
Não, as possíveis mudanças foram praticamente imperceptíveis.	3	12%
Sim, aspectos relacionados à estética corporal, tais como emagrecimento e definição muscular.	2	8%

A prática de AFAN foi responsável por melhoria nos níveis de bem-estar e satisfação pessoal para a maioria dos entrevistados (28%), desde quando iniciaram o contato com a natureza, com o objetivo de praticar atividades físicas de aventura.

Bruhns (2003) expõe que essas práticas de aventura podem ser responsáveis por proporcionar um efeito purificador (catártico), conduzindo as pessoas ao bem-estar e à alegria, por sua constituição no ambiente natural, onde há o intenso contato com a fauna, a flora, com alturas e outros aspectos peculiares, elementos estes capazes de provocar tal efeito catártico, o qual produz prazer e sensações de leveza aos corpos aventureiros.

Nessa ótica de reflexão, Camacho (1999) expõe que as atividades de aventura na natureza proporcionam possibilidades de vivenciar novas emoções e sensações, numa tentativa de amenizar as tensões das rotinas recorrentes da vida social e, assim, possibilitar aos adeptos níveis satisfatórios de bem-estar e prazer.

Estes aspectos positivos relacionados à satisfação pessoal e ao bem-estar nas AFAN podem ser mais bem retratados nos seguintes depoimentos:

S17: ...e quando tenho algum problema, penso naquele momento delicioso de descer as trilhas e avistar aquela linda cachoeira, daí fico tranqüilo e bem o suficiente pra enfrentar todos meus problemas.

S5: Sempre que vou praticar os esportes radicais sinto um bem-estar tão grande, às vezes faltam dois dias pra viagem e já percebo os benefícios desse meu contato com a natureza...

Dando prosseguimento à discussão, Funollet (1989) salienta que as AFAN podem ser traduzidas por sensações capazes de promover bem-estar e prazer aos adeptos de aventura, onde o contato direto com a natureza torna-se importante elemento catalisador neste sentido.

Nesse momento, entra em debate a temática referente à questão estética, a qual foi percebida pela minoria dos sujeitos (8%) como principal mudança acarretada desde o início da prática regular de AFAN.

Convém ressaltar que as mudanças físicas decorrentes da regularidade em praticar atividades em contato com a natureza puderam ser notadas, como ilustra a fala de um entrevistado:

S14: Apesar de nunca ter sido uma preocupação minha,

pude perceber que a prática regular me proporcionou pernas mais fortes e torneadas, e também consegui emagrecer um pouquinho com a quantidade enorme de trilhas que faço todos os finais de semana.

Acerca do atual debate, Capuano (2000) elucida que são vários os benefícios oriundos da realização de atividades de aventura em contato com a natureza, entre os quais pode-se citar a melhoria relacionada à estética corporal, em virtude dos inúmeros e cansativos esforços físicos empreendidos para vencer os desafios propostos.

Embora haja este grande interesse pela valorização estética em academias de ginástica, como demonstrado por Saba (2001), o mesmo não foi expressivo no presente estudo, uma vez que os adeptos regulares de AFAN parecem preocupar-se com outras aspirações e necessidades, retirando da natureza muito mais do que a chance de obter um estereótipo corporal mais bonito, como muitos têm o anseio em conquistar dentro de academias de ginástica. Aqui se atesta a vontade em usufruir, de maneira especial, o meio ambiente natural, dando valor aos aspectos psicológicos, como sensações de bem-estar e prazer.

Considerações finais

O intuito deste trabalho girou em torno de discorrer sobre o significado de participação nas diversas manifestações de AFAN e, assim, pode-se atentar para o fato de que o envolvimento com tais práticas representam o momento propício para a subjetividade, no sentido de favorecer a completa revisão de valores e atitudes de determinados sujeitos para consigo próprio e para com o mundo.

Ainda referente ao objetivo do estudo, as possíveis ressonâncias positivas advindas da prática das AFAN giram em torno da maximização das sensações de bem-estar e satisfação pessoal, em decorrência do misto “atividade física de aventura e contato direto com a natureza”.

A realização de alguma atividade física de aventura em íntimo contato com o meio natural, com ressonâncias positivas nesta relação homem-natureza pode, então, proporcionar às pessoas adeptas maior condição para melhorar seus níveis de vida, no sentido de experimentar sensações prazerosas e relevantes para seu enredo psicológico. Além disso, as AFAN oferecem a possibilidade de vivenciar sentimentos de prazer e alegria, em função de suas características que promovem, inclusive, a ampliação do senso de limite da liberdade e da própria vida.

Tornou-se possível, com base nos resultados do estudo, reconhecer as potencialidades e a abrangência dos níveis qualitativos propiciados pela interação humana com o meio ambiente natural, por meio das vivências de atividades físicas de aventura na natureza.

Referências

- BETRÁN, J. O. Las actividades físicas de aventura em la naturaleza: análise sociocultural. In: **Apunts. Educación Física y Deportes**. Barcelona, n.41, p.5-8, 1995.
- BETRÁN, J. O. Rumo a um novo conceito de ócio ativo e turismo na Espanha: as atividades físicas de aventura na natureza. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p.157-202.
- BRUHNS, H. T. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v.18, n.2, p.86-91, 1997.
- BRUHNS, H. T. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In: SERRANO, C. (Org.) **A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental**. São Paulo: Chronos, 2000. p.25-46.
- BRUHNS, H. T. No ritmo da natureza: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) **Turismo, lazer e natureza**. Barueri: Manole, 2003. p.29-52.
- CAMACHO, A. S. Las actividades físicas em la naturaleza em las sociedades occidentales de final de siglo. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, año 4, n.14, jun., 1999. Disponível em: <<http://ww.efdeportes.com>>. Acesso em: 25 maio 2006.
- CAPUANO, C. A cidade da aventura. **Revista Família Aventura**. n. 17. São Paulo: Peixes, abr. 2000. p.24-45.
- FUNOLLET, F. Las actividades en la naturaleza: orígenes e perspectivas de futuro. **Apunts: Educación Física y Deportes**, Barcelona, n.18, p.4-10, 1989.
- GARCIA, M. A. **Esporte e meio ambiente**: discutindo a questão ecológica. 2000. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- INÁCIO, H. L. D. Educação física e ecologia: dois pontos de partida para o debate. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 133-36, 1997.
- LACRUZ, I. C.; PERICH, M. J. Lãs emociones em la práctica de las actividades físicas em la naturaleza. **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, año 5, n.23, jul., 2000. Disponível em: <<http://ww.efdeportes.com>>. Acesso em: 11 maio 2006.
- MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. Campinas: Papirus, 1987.
- RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. São Paulo: UNISAL, 1998.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1989.
- SABA, F. **Aderência**: à prática do exercício físico em academias. São Paulo: Manole, 2001.
- SCHWARTZ, G. M. Emoção, aventura e risco: a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, M. S.; PINTO, L. M. S. M. (Org.) **Lazer e estilo de vida**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002. p.139-168.
- SCHWARTZ, G. M.; SILVA, R. L. Lazer, turismo, ecologia: contribuições para uma nova atitude. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 11., 1999, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: Unioeste, 1999. p.418 – 422.
- SILVA, A. M. A dominação da natureza: o intento do ser humano. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, v.18, n.2, jan., 1997.
- TERUYA, R. M. **O lazer nas atividades em integração com a natureza**. 2000. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- VILLAVERDE, S. Refletindo sobre lazer/turismo na natureza, ética e relações de amizade. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) **Turismo, lazer e natureza**. São Paulo: Manole, 2003. p.53-73.

Endereço:

Gisele Maria Schwartz.
Av. 24-A, 1515 Bela Vista
Rio Claro SP
13506-900
(019) 3526 4335
Schwartz@rc.unesp.br

*Manuscrito recebido em 08 de março de 2006.
Manuscrito aceito em 11 de maio de 2006.*